

**CENTRO DE ENSINO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: LETRAS/ESPANHOL**

**A LOUCURA COMO CRÍTICA SOCIAL NA OBRA “TRISTE FIM DE
POLICARPO QUARESMA” DE LIMA BARRETO**

EDNA PATRÍCIA DE MORAIS BATISTA

BRASÍLIA/DF, NOVEMBRO/2005

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: LETRAS/ESPANHOL**

**A LOUCURA COMO CRÍTICA SOCIAL NA OBRA “TRISTE FIM DE
POLICARPO QUARESMA” DE LIMA BARRETO**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, tendo como Professora-Orientadora Ana Luiza Montalvão Maia.

EDNA PATRÍCIA DE MORAIS BATISTA

Brasília/DF, novembro/2005

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus três grandes amores: meu marido Edvaldo, que incentivou desde o princípio de meus estudos, que me prestou valorosa ajuda com dicas, sugestões, apoio moral e pela compreensão pela minha ausência familiar. Ao Gustavo e a Juliana que são os frutos deste amor. À minha mãe que sempre foi uma rocha em minha vida e a todos os meus queridos irmãos, e aos inesquecíveis amigos do curso de Letras, que graças a vocês descobrir grandes significados para a palavra AMIZADE: companheirismo, cumplicidade, afetividade, amor, lealdade, sinceridade.

Agradeço a todos que me deram sorrisos, incentivos, boas palavras, semeando dentro do meu ser uma força mágica que me ajudou a levar a bom termo este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo. Agradeço ao meu marido pela participação, colaboração e compreensão. E, acima de tudo, agradeço por me amar tanto, fazendo de mim a mulher mais feliz do mundo. Eu te amo muito, meu querido. Ontem, hoje e sempre! Pensando em você, cito as palavras de Carl Sagan à sua esposa, na dedicatória do livro **Cosmos**: "Diante da vastidão do espaço e da imensidade do tempo, é uma alegria para mim. Partilhar um planeta e uma época com você".

Agradeço a minha exímia orientadora, Professora Ana Luiza Montalvão Maia, pela orientação precisa, pela bondade e afetividade, pelos inúmeros momentos de conforto, apoio e estímulo, pela confiança que sempre imprimiu a minha pessoa. Ana Luiza, obrigada.

Gostaria de agradecer aos meus professores, que me ensinaram com prazer e dedicação parte do que sei e, o que é mais importante, me ensinaram a aprender sozinho.

Aos meus amigos e familiares pelos incentivos e pelas preces realizadas em meu favor.

“A glória das letras só as tem quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado que se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega.” (Lima Barreto)

RESUMO

Longe de uma linguagem academicista, Lima Barreto fez da literatura seu instrumento de defesa em favor da população mais pobre, contra as injustiças de sua época. E na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma” que foi o objeto de estudo desta monografia, as críticas de Lima Barreto se faz por meio do personagem principal o Major Policarpo Quaresma, que pode ser comparado à figura de “Dom Quixote de La Mancha” da obra de Miguel de Cervantes, que foi levado à loucura por causa dos livros de cavalaria. E o personagem de Lima Barreto era um nacionalista extremado, estudioso da coisa do Brasil, funcionário público, por onde começa a crítica do autor. A burocracia das repartições dos serviços públicos, ambiente muito bem conhecido pelo autor. A segunda crítica da obra é a loucura, tema vivido e presencia por Lima Barreto, que como seu personagem também foi internado em um hospício. Policarpo Quaresma, comete uma grave erro ao pedir que o Tupi fosse a língua oficial do país. Como já era conhecido por seu comportamento repetitivos, servindo até de relógio para a vizinhança, e como é pelo comportamento que se julga uma pessoa, que foge a qualquer regra imposta pela sociedade que é a “medidora de sanidade”, com trata João Frayze-Pereira na obra “O que é loucura”. Policarpo Quaresma foi confinado a um hospício, mesmo sendo considerado um louco, não perdeu a vontade de por em prática seus ideais. A crítica feita nesta parte é contra os sintomas dados como loucura, e ao tratamento imposto pelas instituições de saúde.

Quando sai do hospício, Policarpo Quaresma, por sugestão de sua afilhada Olga, retira-se para um sítio Sossego, lá suas idéias nacionalistas são postas em prática, porque Policarpo Quaresma quer provar que o Brasil tem todos os recursos para ser uma grande potencia, e parte para a reforma da agricultura, e as lutas enfrentadas pelo personagem são as criticas impostas pelo autor. Contra as saúvas, a política de interiores, as dificuldades

de cuidar da terra, sem a colaboração do governo, que não se preocupa com o pequeno produtor.

No Rio de Janeiro explode a Revolta da Armada, por seu nacionalismo e patriotismo vê a oportunidade de pedir ajuda ao governo para salvar a agricultura brasileira e alista-se em defesa de Marechal Floriano Peixoto.

Na Guerra descobre que seus estudos de nada valeram. Decepcionado, toma consciência de sua loucura, a loucura pela implantação do Tupi, a loucura de acreditar nos livros sobre a agricultura e principalmente por acreditar numa pátria que ele não reconhecia como um filho fiel. Insanidade e ser considerado um traidor, foi o que recebera por servir a pátria em todos os seus sentidos. “Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade” (Lima Barreto: 1990:145).

PALAVRAS-CHAVES: HISTÓRIA DO SUBÚRBIO, PATRIOTISMO, LOUCURA

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo I – O Brasil na Primeira República.	09
Capítulo II – Conceitualização da loucura na sociedade moderna.	21
Capítulo III – Contextualização de Lima Barreto na Literatura Brasileira.	28
Capítulo IV – Paralelo entre comportamento obsessivo e a loucura no personagem Major Quaresma no romance “Triste fim de Policarpo Quaresma.	35
Conclusão	45
Referências	47

INTRODUÇÃO

A loucura como crítica social na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto, foi o tema escolhido para a realização da pesquisa.

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica constituída principalmente de livros e artigos científicos, sendo as principais fontes: João Frayze-Pereira; Anair Aiex, Luzia de Maria, Nicolau Sevcenko e Marco Antônio Villa, e o estudo de caso reuni o maior número de informações detalhadas, com o objetivo de distinguir a loucura de um comportamento obsessivo na personagem Major Policarpo Quaresma, na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”.

A monografia consta de quatro capítulos assim especificados: capítulo 01 estabelece os acontecimentos históricos da Primeira República para situar o contexto da obra pesquisada; no capítulo 02 conceitua o significado de loucura e seus efeitos na sociedade moderna; no capítulo 03 o escritor Lima Barreto, autor do objeto de estudo da monografia, foi revisto sob o viés da crítica dialética e principalmente no capítulo 04 foi feita a desconstrução da obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”, objeto de estudo desta monografia, sob o viés da loucura quixotesca.

De acordo com a autora Luzia de Maria, que em seu livro “Sortilégios do avesso”, trata que até o momento que Policarpo Quaresma esteve preso aos seus livros e seus ideais, ele não sofreu, mas no momento em que imergiu na dura realidade da vida, reconhece o próprio estado de alucinação que tem, é a progressão da doença e a conscientização do quanto foi louco me sonhar e lutar por este ideal, que ao final não lhe deu nada. Realmente Major Policarpo Quaresma é um visionário.

CAPÍTULO I

O BRASIL NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Os anos que vão de 1870 a 1880 no final do século XIX, foi o período que marcou o declínio do Império de D. Pedro II, causando pela abolição da Escravatura, a chamada Questão Religiosa e por último a Questão Militar.

O problema da emancipação do trabalhador negro sempre esteve presente no decorrer da história do regime Imperial no Brasil. A questão é que o trabalho escravo foi durante muitos anos a coluna sustentável sobre a qual repousava toda a economia brasileira. A partir da extinção do tráfico negreiro em 1850, através da Lei Eusébio de Queiroz, revelou-se às contradições da economia nacional.

A Guerra do Paraguai adiou o processo de emancipação porque muitos escravos foram libertados para servir no lugar de seus proprietários, colocando mais uma vez em evidência a fraqueza de um país, onde a massa da população continuava escrava.

E de forma gradativa, a emancipação do escravo foi realizada através das seguintes Leis: a Lei Eusébio de Queiroz – Lei do Ventre Livre (1871), onde dava liberdade aos filhos de escravos, mas na prática a lei foi desprezada, porque atrelou o nascido ao senhor até os 21 (vinte e um) anos.

Em 1885, a Lei Saraiva-Cotagipe, também chamado de Lei dos Sexagenários, que liberou todos os escravos maiores de sessenta, sendo a maioria das regiões cafeeiras. Mas

após a libertação o negro não teve ascensão social nenhuma, continuou servindo por baixos salários, fazendo biscates pelas ruas ou mendigando ou então, faziam o papel de feiticeiros. Como trouxeram suas religiosidades e crenças de seus países de origem, muitos escravos exerciam a função de curandeiros e mesmo após a “libertação” (grifo meu), continuaram cultivar suas crenças, e

Os feiticeiros tinham outros passes e as cerimônias para entrar no conhecimento das forças ocultas que nos cercam eram demoradas, lentas e acabadas. Em geral, eram pretos africanos. [...], acendiam um fogareiro no quarto, tiravam de um cesto de sapo empalhado ou outra coisa esquisita, batiam com feixes de ervas, ensaiavam passos de dança e pronunciavam palavras ininteligíveis. (Lima Barreto, 1990: 132).

Como forma de suprir a saudade de sua tribo e do seu país de origem, os escravos praticavam seus rituais, dançavam, cantavam e os que antes, exerciam a função de curandeiros em suas tribos, continuaram pregando suas aprendizagens aqui também.

Era uma singular situação, a daquele preto africano, ainda certamente pouco esquecido das dores do seu longo cativeiro, lançando mão dos resíduos, de suas ingênuas crenças tribais, resíduos que tão a custo tinham resistido ao seu transplante forçado para terras de outros deuses. (Lima Barreto, 1990: 132).

O escritor Lima Barreto exemplifica bem, na obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, a condição da religiosidade do negro e a crença que os ditos “brancos” tinham e têm nestes homens.

Mas para os abolicionistas não bastava somente libertar o negro, a grande tarefa era retirá-lo da miséria secular, transformando-o em cidadão, mas isto, só poderia ocorrer com a adoção de profundas reformas na política e na economia.

E para apoiar a causa dos abolicionistas alguns intelectuais, chegaram a participar ativamente do movimento. Como o jornalista e teatrólogo Artur Azevedo que escreveu peças e artigos para animar a campanha, como também Silvio Romero e José de Alencar. Com todo este apoio e divulgação, a Abolição foi um caso inevitável consolidado em 13 de maio de 1888. A lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, que foi violentamente atacada pelos escravocratas como sendo protetora de cativos e fugitivos, e a assinatura do documento foi a maior consagração pública da herdeira do trono.

A aceitação da extinção da escravatura, não significou para os cafeicultores a concordância de uma política reformista. E vendo a necessidade de impedir qualquer alteração no status, os cafeicultores se afastaram da monarquia. E junto com os escravocratas estava a Igreja. Que também enfrentou a Monarquia lutando para se libertar do domínio estatal, apesar de existir um grupo que adaptara e vivera na sociedade patriarcal colonial, respeitando por todos, usufruindo os bens que possuía, vivendo em regalias, coisas que eram contra os princípios da teologia. Mas vivia em paz com o povo, uma vez que alimentava as crendices e superstições. Então, a Igreja foi separada em duas partes, a que participa de modo superficial, já que alimentava as crendices populares e o fanatismo, e o outro lado que era zeloso com os princípios teológicos do direito canônico, mas sem ligação com o povo.

Estes representantes – D. Vital de Oliveira e D. Antônio Macedo Costa, uniram-se para libertar a igreja do domínio estatal. Mas não como foi um movimento de massa, o povo não emitiu sua opinião, e como era um movimento antimonárquico foi fácil a aceitação da República.

Mas foi a série de incidentes militares que enterrou de vez a Monarquia. Com a Abolição o Império perdeu o apoio dos senhores de terra, com a Questão Religiosa o apoio da Igreja e com a chamada Questão Militar a tépida simpatia das Forças Armadas. A questão iniciou-se por militares insatisfeitos com um governo civil, que os marginalizava politicamente, passaram a adotar os ideais republicanos e abolicionistas, e a contestar o Império.

Os atritos entre militares e políticos sucederam de 1883 a 1889, com as divergências entre o Exército e o Governo sobre o papel das Forças Armadas. Surgindo assim, a Questão Militar, que de acordo com Marcos Antônio Villa o fato sucedeu da seguinte maneira:

Tudo começou quando em inspeção no Piauí, o coronel Cunha Matos censurou um oficial por uma falha de rotina. O Deputado Simplicio de Rezende saiu em defesa do oficial repreendido e atacou Cunha Matos. Pela imprensa o coronel respondeu ao deputado e envolveu o ministro da Guerra Alfredo Chaves, um civil considerado-o responsável pelo incidente. (Villa, 1996: 11)

O Coronel foi punido por quebra a hierarquia, que é um principio básico de uma organização militar, tornando a punição um agravante a classe militar. E com aliança entre os abolicionistas, republicanos e os oficiais do Exército, no Clube Militar, Benjamim Constant, positivista declara que a crise entre civis e militares, somente terão fim com a supressão da monarquia. E convence o Marechal Deodoro da Fonseca e o Almirante Wandenkolk, da necessidade do fim do domínio do Imperador. Sendo que a intenção dos republicanos era de deposição do Gabinete do Visconde de Ouro Preto, incompatibilizado com as Forças Armadas.

Mesmo doente Marechal Deodoro da Fonseca assume o governo e com operação militar leva a prisão o ministro, e as tropas desfilam pelas ruas da capital sem encontrar oposição. Através de uma mensagem escrita, o Marechal Deodoro comunica a D. Pedro II a destituição do cargo e lhe dá 24 (vinte e quatro) horas para exilar-se, e sem alternativas e nem recursos para isto, o Imperador aceita e embarcar com toda a família para a Europa.

Os relatos do “dia seguinte”, são coincidentes com a expressão de estupefação do momento em que a sociedade anoiteceu com a Monarquia e despertou sob República. Muitos se surpreenderam, não pela implantação da República, porque era um fato esperado, a questão foi como tudo aconteceu, ou seja, os Conservadores apoiando o Exército e sobretudo pelo seu desfecho, as portas fechadas.

A imprensa teve uma reação benevolente e tratou os acontecimentos sem dar maiores explicações, apenas aclamaram a instituição republicana com divisas apolíticas, cujo tema era a necessidade de manter-se a ordem. Apenas, o jornal “O Dia”, noticiava que o império não deixaria saudades. Para os intelectuais da época, onde grande parte era funcionário público como Artur Azevedo, Olavo Bilac, Coelho Neto, Machado de Assis, Rui Barbosa e durante seis meses apenas, Aluízio de Azevedo, e outros que almejavam os mesmos cargos.

O ingresso maciço dos literatos no jornalismo é por si só uma testemunha muito eloqüente da mudança da condição social do artista. Já iam longe e esquecidos os tempos em que sua sobrevivência era assegurada pela generosidade de uma aristocracia de gostos refinados ou de um sistema de oposição política tão contundente quanto socialmente bem consolidado, pela condescendência de pais deposição ou fartos ou generosos, ou ainda pela possibilidade de uma existência segura com poucos recursos. (Sevcenko, 1983: 124).

Com o comentário crítico de Nicolau Sevcenko demonstra que, a condição de rendimentos artística no Brasil era muito difícil, não havia um mercado cultural amplo o suficiente que consumisse as produções artísticas. Mas mesmo assim, a literatura ia cumprindo seu papel social, e as produções literárias iam acompanhando os momentos de tensão social e a complexidade dos problemas.

Ao se torna Presidente provisório, Marechal Deodoro da Fonseca tratou de marcar eleições para a formação de uma Assembléia Constituinte que no ano de 1891, aprovou a Primeira Carta Republicana da história. Fixou o regime Presidencialista com duração de 04 (quatro) anos; a criação de uma Suprema Corte; uma autonomia política aos Estados e Municípios. E inspirados pelo positivismo de Augusto Comte, adotaram o lema “Ordem e Progresso”, com o ideal a ser seguido. E também mudaram o nome do país que passou a ser chamado Estado Unidos do Brasil. Este positivismo também é visto no estudo de caso deste trabalho.

Uns trapos de positivismo se tinham colado naquelas inteligências e uma religiosidade especial brotara-lhes no sentimento, transformando a autoridade, especialmente Floriano e vagamente a República, em artigo de fé, em feitiço, em ídolo mexicano, em cujo altar todas as violências e crimes eram oblatas dignas e oferendas úteis para a sua satisfação e eternidade. (Lima Barreto, 1990: 113).

Com a renúncia do Marechal Deodoro, quem assumiu foi o vice-presidente Floriano Peixoto e com isto, foram aparecendo às sucessivas crises políticas, que iniciaram com a Proclamação da República, que não somente esgotou os recursos do Tesouro Nacional como também, barrava a chegada de capital estrangeiro e de imigrantes ao país. A imagem do Brasil refletida no exterior era de um país rude, insalubre, com uma grande parte de sua população vivendo no maior desconforto, imundices e promiscuidade. Imagem esta, que

impedia o Brasil de acompanhar os “padrões” da economia europeia e de abrir novos capitais de investimentos, já que o século XX trazia a esperança de um futuro novo.

Os republicanos apostavam em uma sociedade livre, ornato intocável de uma Nova República, mas não foi o que ocorreu. Com o surgimento da República a sociedade brasileira ficou a mais diversificada possível. A classe burguesa que apesar de ser minoria, eram a dominante integrada por grandes fazendeiros, banqueiros, grandes comerciantes, ligados à importação e exportação e pelos pequenos industriais. A classe média era formada por comerciantes imigrantes, militares e funcionários públicos de alto escalão. A classe do proletariado era composta por funcionários públicos de baixo escalão, assalariados urbanos e rurais e pelos ex-escravos desempregados ou sem um trabalho fixo, razão pela qual exerciam qualquer tipo de atividade para garantir a sua subsistência. Em uma sociedade escravocrata, a nascente classe do proletariado enfrentou condições péssimas de trabalho e moradia. Os salários eram baixíssimos, não existia uma legislação trabalhista e as condições habitacionais também não contribuíam para uma vida digna. Estes trabalhadores iam amontoando-se em cortiços, onde os alugueis eram caros e não ofereciam a mínima condição de dignidade. Que viviam nos subúrbios que eram como o escritor Lima Barreto (1990, pág. 74) descreve as casas, “... uma choupana de pau-a-pique, coberta de zinco ou mesmo de palha, em torno da qual formiga uma população.” E os poucos que conseguiam obter uma moradia, para mantê-la era necessários que todos os membros da família trabalhassem. Aumentando desta forma, o índice de analfabetismo já que grande parte desta classe, mal concluía a educação escolar mínima. Fatos que Aluizio de Azevedo também retrata esta divisão de classe deste período em “O cortiço”, de 1890, expressão máxima do Naturalismo brasileiro.

Os conflitos políticos, os anseios de reformas e agitações econômicas, apontavam os novos elementos do regime que é a sede a riqueza, a sofreguidão do luxo e da ostentação. Estes elementos conciliaram duas características que dá a imagem do tipo social representado no novo regime: o conservadorismo arejado que eram os antigos monarquistas que aderiram ao regime por interesse e a cupidez material que é representada por aqueles homens arrivistas que marcaram o timbre definitivo do novo governo. Não podendo ser diferente os processos de mudanças políticas, nos quais os cargos mais rendosos eram passados aos membros recém chegados a elite, por meio de nomeações, garantias e concessões do novo governo.

No período do Governo de Floriano Peixoto, o país mergulha em grande crise política e vira palco de revoltas, como a Revolta da Armada no Rio de Janeiro, a Revolta Federalista e a Revolta de Canudos no Rio Grande do Sul, onde Euclides da Cunha, que era repórter naquela época, relatou em seu livro “Os Sertões”, que tornou o primeiro clássico da época.

Floriano Peixoto exercia grande carisma entre a população do Rio de Janeiro e popularmente era conhecido como o “homem de ferro”, no qual o escritor Lima Barreto (1990, pág. 118) cita em sua obra: “A República, graças a Deus, tem agora um homem na sua frente... O “caboclo” é de ferro...”. E através de uma base de poder Floriano Peixoto foi responsável pela consolidação do regime então instituído, tendo como discurso à luta contra os adversários da república, os monarquistas. Porém, sofreu grandes desgastes por decorrência das rebeliões que enfrentou.

As revoltas do governo de Floriano Peixoto acabaram e o escritor Lima Barreto critica na representação de seu personagem Major Policarpo finda da seguinte maneira.

Não havia mais piedade, não havia mais piedade, não havia mais simpatia, nem respeito pela vida humana; o que era necessário era dar o exemplo de um massacre à turca, porém clandestino, para que jamais o poder constituído fosse atacado ou mesmo discutido. Era a filosofia social da época, como forças de religião, com os seus fanáticos, com os seus sacerdotes e pregadores, e ela agia com a maldade de uma crença, forte, sobre a qual fizéssemos repousar a felicidade de muitos. (Lima Barreto, 1990: 153)

Enquanto as revoltas findavam, surgia o movimento tenentista, que foi o primeiro movimento de contestação aberta à República, onde jovens oficiais do Exército mostravam seu inconformismo com a situação política e social do Brasil e desejavam afastar as oligarquias do comando da Nação. Somente conseguiram êxito por dois fatores: a crise econômica e a rebelião da oligarquia periférica que foram abandonados pelo poder central. E aliados a Getúlio Vargas, os tenentes obtiveram por um momento no topo do poder, até que o ministro da Fazenda do Governo Provisório gera uma crise política econômica. Sua intenção era promover o crescimento da produção interna, principalmente da industrial, e para isto, aumentou as taxas alfandegárias e começou a emitir dinheiro sem lastro-ouro, que é a quantidade de ouro que o governo tem de deixar em depósito para garantir o valor do dinheiro que emitiu. E o então ministro Rui Barbosa já dizia: “A República só se consolidará entre nós, sobre alicerces seguros, quando suas funções se firmarem na democracia do trabalho industrial”. A emissão desenfreada de dinheiro provocou um grande aumento na inflação e uma violenta especulação na Bolsa de Valores, sendo a política econômica conhecida como Encilhamento. A política emissionista e industrialista, também foi motivo de discórdia entre os dois grupos de apoio, pois, para a elite cafeeira a política industrial não lhes interessava.

Nesse processo de luta pelo poder, a vitória final coube aos fazendeiros que em 1894 conseguiram eleger um presidente civil: o paulista Prudente de Moraes. O sonho dos republicanos ainda não havia se realizado, uma vez que o poder continuava nas mãos dos latifundiários. O voto deixou de ser censitário, mas não era livre, já que a parte despreparada do povo não escolhia seus candidatos.

E a crise do Encilhamento somente foi solucionada no governo do presidente Campos Sales, que conseguiu fazer um acordo financeiro com os estrangeiros, chamado Funding-loan. Com os empréstimos o presidente conseguiu combater a inflação e a valorizar a moeda. Mas aumentou o problema do desemprego, devido à estagnação da indústria e o aumento do custo de vida, gerando assim problemas com habitação e saúde, que afetavam principalmente a classe do proletariado.

Após a Primeira Guerra Mundial em 1918, os grupos sociais urbanos fortaleceram-se com o crescimento industrial e com a urbanização, contestavam o modelo político e econômico da República Velha. Os burgueses reivindicavam uma política de proteção às indústrias, a classe média reivindicava a moralização nas eleições e o voto secreto. Os proletariados reivindicavam melhores condições de vida e a criação de uma política salarial favorável.

Enquanto a República afeta os campos sociais, políticos e monetários, a cultura nacional não foi afetada e continuou presa aos padrões estéticos da Europa, especialmente da França. Os movimentos literários e poéticos denominados de Simbolistas e Parnasianos eram tributários dos seus equivalentes europeus. São obras de exceção que marcaram a cultura na Primeira República, especialmente “Os Sertões” de Euclides da Cunha e o romance urbano de

Lima Barreto “Triste fim de Policarpo Quaresma”. Essa situação de atrelamento à estética europeia sofreu uma busca alteração com a Semana da Arte Moderna, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922.

É o marco da emancipação estética e cultural da intelectualidade brasileira. Não somente temas brasileiros passaram a adquirir uma preferência como Paulicéia Desvairada e Macunaíma de Mário de Andrade, como também se esboçam uma estética nacional nas telas de Anita Malfati e Portinari. Na música erudita surge Heitor Villa-Lobos e verdadeiramente original.

O escritor Lima Barreto na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma” ocupa-se de aspectos relativos a fatos sócio-históricos ocorridos a quase 20 anos antes de sua elaboração. E sua personagem é a realidade concreta deste nacionalismo. Com o desejo de mudar o país, de provar que o Brasil pode ser tão bom quanto o país de primeiro mundo. Mas que pouco a pouco percebe que “A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete” (Lima Barreto, 1990: 153).

Alçando com isto, somente decepção.

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepção. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. (Lima Barreto, 1990: 153).

Foram muitos fatores que frustraram o personagem, fatos que o levaram ao delírio, devaneio e a loucura, loucura esta que o levou a guerra, onde por fim consegue um momento de lucidez. Sendo esta tomada de consciência, uma das características da loucura, como será apresentado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

CONCEITUALIZAÇÃO DA LOUCURA NA SOCIEDADE MODERNA

Qualquer conceitualização sobre o que seja loucura, não conseguirá atingir a sua desconcertante realidade. Para saber o que a sociedade pensa sobre o que seja loucura, Frayze-Pereira (1985), propôs o tema a um grupo de universitários e pré-universitários da cidade de São Paulo, que chegaram a seguintes acepções sobre o que seja loucura, exemplificada com alguns trechos do livro de Lima Barreto, objeto de estudo desta monografia, com referências ao comportamento do Major Policarpo e Ismênia, na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”:

1. Um estado de perda da consciência; “A loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos, os amigos, os melhores.” (Lima Barreto, 1990: 57).
2. Uma doença; “Um pavor de quem viu um cataclismo, que o fazia tremer todo, desde os pés à cabeça e enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu próprio delírio.” (Lima Barreto, 1990: 57).
3. Um distúrbio orgânico ou desequilíbrio emocional do indivíduo cujo efeito é um desvio do comportamento em relação às normas sociais;

“Mas que desconfiassem da sinceridade de suas afirmações, não! E ele pensava, procurava meios de se reabilitar, caía em distrações, mesmo escrevendo e fazendo a tarefa cotidiana. Vivia dividido em dous: uma parte nas obrigações de todo o dia, e a outra, na preocupação de provar que sabia o tupi”. (Lima Barreto, 1990: 53).

4. Distúrbios emocionais ou somatórios;

“Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. [...] Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade: _ Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das cousas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás”. (Lima Barreto, 1990: 35).

5. Todo tipo de desvio do comportamento pessoal em relação a uma norma sancionada socialmente; “_ É bom pensar, sonhar consola. – Consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens...” (Lima Barreto, 1990: 55).

6. Um estado progressivo de “desligamento” ou fuga de uma realidade (objetiva) para outra (subjuntiva);

“Passava dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, com um olhar morto de estátua, numa atonia de inanimado, como que em imbecilidade; mas vinha uma hora, porém, em que se penteava toda, enfeitava-se e [...] O meu noivo não deve tarda... é hoje o meu casamento.” (Lima Barreto, 1990: 118).

7. Uma tomada de consciência de si e do mundo.

“Teria sido ele com os seus atos passados, como as suas ações encadeadas no tempo, que fizera como que aquele velho deus docilmente o trouxesse até à execução de tal designo? Ou teriam sido os fatos externos, que venceram a ele, Quaresma, e fizeram-no escravo da sentença da onipotente divindade? Ele não sabia, e, quanto teimava em pensar, as duas cousas se baralhavam, se emaranhavam e a conclusão certa e exata lhe fugia.” (Lima Barreto, 1990: 151).

O conceito dado pelos entrevistados e pelos exemplos citados, percebe-se que existe certo preconceito, uma vez que, eles basearam-se no cumprimento de uma norma padrão que deve ser seguida e todos que estiverem fora deste padrão, já são considerados um “estranho”. Mas estes preconceitos de hoje, não correspondem sobre como a loucura era

considerava no passado, já que nem sempre a loucura fora vista como uma doença ou um problema de socialização.

Na Antigüidade, período que abrange o desenvolvimento das antigas civilizações orientais e clássicas (egípcia, mesopotâmia, hebraica, persa e greco-romana), terminando com a queda do Império Romano, os loucos gozavam de certo grau de extraterritorialidade, e não existiam procedimentos nem espaços sociais destinados a eles especificamente, este procedimento que somente surgiu no século XVII. Aqueles que vinham de famílias com mais recursos financeiros, eram mantidos em suas residências com um acompanhante. Os pobres circulavam pelas ruas e sua sobrevivência era mantida pela caridade pública. A loucura era experimentada em estado-livre, no convívio com toda a sociedade, que considerava suas manifestações como algo sobrenatural ou demoníaca.

No período da Idade Média, sob a influência do cristianismo, onde tudo e todos obedeciam à ordem divina. Os insanos como eram chamados, desfrutavam de certa liberdade de ir e vir, eram considerados como parte da sociedade e era o alvo principal da caridade dos mais afortunados financeiramente, que desta forma procuravam expiar seus pecados. Algumas vezes eram submetidos a rituais religiosos de exorcismo ou adorcismo que era uma ação mágica-terapêutica que buscava restabelecer no indivíduo sua alma “perdida”, por padres, beatos e “homens santos”, mas que não agiam com crueldade física.

Com a decadência do feudalismo e o início do Renascimento, foi retomada os princípios racionalistas (influência do Iluminismo), na observação e descrição das doenças mentais. Os problemas sociais e sanitários que afligiam as cidades que estavam cada vez mais populosas fizeram com que a prática da caridade pública fosse substituída por

novos valores tipicamente burgueses, agravando a situação dos doentes mentais, principalmente após a Reforma Protestante, onde a igreja e os mosteiros deixaram de abrigar os loucos. Tornado um problema familiar, muitos foram confinados em hospitais gerais, que eram os antigos leprosários, e os mais agressivos eram trancafiados em celas e masmorras.

O escritor João Frayze Pereira (1985:67), trata em seu livro *O que é loucura*, que os internos tratados nestes hospitais gerais eram “Todos aqueles que, em relação à ordem dominante, isto é, da razão, da moral e da sociedade burguesa, mostravam indícios de inadequação”.

No final do século XVIII, que marca o início da Idade Contemporânea com a Revolução Francesa em 1789, as idéias do Iluminismo (movimento intelectual que se desenvolveu no século XVIII, com objetivo de difundir a razão, a “luz” para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos), com os princípios da Revolução Francesa e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aumentaram os protestos e denúncias contra as internações e os tratamentos dados aos insanos, que eram confinados junto a outros marginalizados. Além do mais, os locais destinados aos internos, não possuíam nada que contribuíssem para a “cura” dos doentes.

O movimento de reforma criou uma distinção entre loucos e os outros marginais, e fez com que a loucura passasse a ser considerada uma doença que exigia condições e tratamento específicos. No Brasil somente no ano de 1852, que o país começou a oferecer assistência aos portadores de doenças mentais, período que é inaugurado o Hospício D. Pedro II no Rio de Janeiro. Surgindo a partir de então várias instituições, que deixavam muito a desejar na assistência pública. O autor, Lima Barreto descreve em seu livro “Triste

fim de Policarpo Quaresma” (1990: 56), algumas características destes asilos. “Só o nome da casa metia medo. O hospício! É assim como uma sepultura em vida, um semi-enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem”.

“No primeiro momento, não se compreendia bem esse pasmo, esse espanto, esse temor do povo, por aquela casa imensa, severa e grave, meio hospital, meio prisão, com seu alto gradil, suas janelas gradeadas [...], entrava-se, viam-se uns homens calmos, pensativos, meditabundos...” (Lima Barreto, 1990: 56).

O escritor Lima Barreto descreve o asilo não somente como observador de tal ambiente, mas como um paciente, que certa vez freqüentou este lugar devido à bebida. Como já foi dito, nestes estabelecimentos, as pessoas internadas não eram somente os doentes, mas também os ociosos, os bêbados e alguns marginais.

Atualmente a sociedade lida com a loucura sobre dois pontos: o familiar – no qual o doente participa do convívio familiar e desfrutando do mesmo espaço em comum, enquanto a outros este convívio é impossível, principalmente nos grandes centros urbanos. Sendo que a maneira de percepção das perturbações emocional, também varia. Alguns buscam soluções na religião; outros procuram a intervenção médica ou psicológica, e sendo em alguns casos buscam as duas alternativas.

Como acontece desde os tempos primórdios, a sociedade impõe seus valores de acordo com o seus interesses, e com relação à loucura funcionam como códigos de valores discriminatórios de comportamento, atitudes, sentimentos, desdobramento de valores sobre o que seja certo/errado, bem/mal, desejável/indesejável, positivo/negativo. E como ao longo do tempo estes valores impostos pela sociedade, são herdados pelos seus membros, os

códigos agem como reguladores da interioridade com relação ao próximo. A loucura apresenta-se como algo estranho que foge a compreensão da conduta, como se fosse uma perda de sentido que escapa e que não tem identificação pessoal. Sendo assim, reduzida as estruturas, síndromes e diagnósticos baseados fundamentalmente nos aspectos ditos negativos da estrutura mental, com a alienação, a incompreensão, a periculosidade e principalmente a incapacidade.

Luís Gustavo Vechi em seu artigo *Introgenia e exclusão social*, têm a seguinte proposta para a definição da loucura e como lidar com ela, “propõe a (re)invenção na forma de definirmos, olharmos, caracterizarmos, compreendermos a loucura.” Sendo que, para isto tornar possível é preciso que novas noções científicas sejam criadas e aceitas, porque assim poderia-se definir e ver a loucura, sem restringi-la a ordem patológica e concluindo seu pensamento sobre a (re)invenção da definição da loucura , Luís Gustavo trata que:

“Essas noções resgatariam a possibilidade de se definir as diferenças e o sofrimento, sem necessariamente fazer uso do viés do desvio, da incapacidade, da anormalidade, da periculosidade, da incompetência e como consequência, da normalização terapêutica. Essas noções ainda recobriram a verdade e a diversidade da existência humana contida na condição e reconhecida como loucura”. (Vechi, 2004).

Ao longo do tempo o conceito de loucura vem se modificado de acordo como os interesses da sociedade, não se chegando a definição ou concepção exata sobre o que seja loucura. O que antes era considerado como uma manifestação divina, hoje em dia, o louco é considerado um doente, deve ser tratado dentro de um quadro clínico, recebendo os mesmos cuidados que um doente não-mental, mas que sempre será um excluído socialmente.

Lima Barreto foi um indivíduo que sofreu na própria pele a discriminação e o tratamento destina aos que eram considerados doentes mentais. E como

uma experiência de vida, no livro objeto de estudo desta monografia “Triste fim de Policarpo Quaresma”, expressa sua opinião sobre o que seja loucura.

“Aquela continuação da nossa vida tal a qual, com um desarranjo imperceptível, mas profundo e quase insondável, que se inutiliza inteiramente, faz pensar em alguma coisa mas forte que nós, que nos guia, que nos impele e em cujas mãos somos simples joguetes. Em vários tempos a loucura foi considerada sagrada, e deve haver razão nisso no sentido que se apodera de nos quando, ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que já não é ele quem fala, é alguém, alguém que vê por ele, interpreta as cousas para ele, está atrás dele, invisível.” (Lima Barreto, 1990: 66)

Mas o que se dizer de um mestiço, ressentido, alcoólatra, “louco” a ponto de ser internado duas vezes em um sanatório. Que teve que abandonar o curso na Escola Politécnica, após o pai enlouquecer, mas que buscou na Literatura um meio de expressar a voz dos excluídos, que estes se identificassem e os pertencentes da classe dos não excluídos pudessem ver uma realidade que faziam questão de esquecer.

Lima Barreto nunca teve a forma como preocupação principal, criou um estilo realista e rebelde, descrevendo os personagens dos subúrbios miseráveis com maestria, em uma linguagem que se distancia da influência parnasiana, que se encaixa no estilo pré-modernista, mas que possuía uma visão além da proposta estética do Modernismo, como será tratado no capítulo 03, na Contextualização do escritor Lima Barreto na Literatura Brasileira.

CAPÍTULO III

CONTEXTUALIZAÇÃO DE LIMA BARRETO NA LITERATURA BRASILEIRA

“A glória das letras só as tem quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado que se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega”. (Lima Barreto in: Zélia Nolasco)

Lima Barreto é autor de alguns títulos como “Recordações do Escrivão Isaías”, onde nesta obra crítica o mundo jornalístico, “Clara dos Anjos”, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, que é objeto de estudo desta monografia. Também escreveu alguns contos e artigos como “Bangatelas”, “Feiras e Mafuás”, “Marginalia” e “Vida Urbana”, além de algumas memórias como “Diário Intimo” e o “Cemitério dos vivos”.

Por intermédio de suas colaborações em jornais, começou a dedicar-se com afinco a literatura, como se pode constatar na citação do crítico literário Anoar Aiex, que analisa artigos e ensaios de Lima Barreto.

“Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; [...], em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.” (Aiex, 1990:87).

Lima Barreto travou uma relação com a Literatura Brasileira, como se fosse um casamento, sendo que nunca foi casado, como o próprio Lima Barreto disse ele foi contagiado pela arte de escrever e o estudioso literário Massaud Moisés, também confirma esta relação de contágio, “...queria-se escritor militante, capaz de agir sobre as consciências adormecidas do seu meio,...” (Moisés, 2001: 403)

A incorporação de recursos da crônica jornalística é visível em seus textos, nos quais a simplicidade da linguagem, a sua aproximação da fala do cotidiano e a ironia sempre contundente estão voltadas para a denuncia de injustiças e arbitrariedades cometidas no Brasil pós-republicano. Por causa de seu estilo foi acusado pela crítica de escritor incorreto e incapaz de lidar com os padrões lingüísticos da elite culta, e suas obras foram julgadas gramaticalmente e condenadas por supostas vulgaridades, isto, porque a linguagem que utilizava refletia a contradição cultural daquele período, uma vez que, não apresentava a pureza vernácula dos escritores de seu tempo como Rui Barbosa e Olavo Bilac.

O crítico Alfredo Bosi faz o seguinte comentário sobre o diferente de estilo de linguagem de Lima Barreto a pureza vernácula da época.

“Em Lima, ao contrário, as cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com uma animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesmas, isoladas e insólitas [...], mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas.” (Bosi, 1994: 318)

Pela citação de Alfredo Bosi, percebe-se que o estilo de Lima Barreto escrever era realista e intencional, e que a sua literatura ficcionista expressava uma atitude antipassadista, além de estar impregnada de sentimento nacionalista, possuindo uma visão crítica dos problemas do Brasil. Seu discurso estava fora de sintonia com o discurso dos autores da *Belle Époque*, cujo teor de seu discurso estimulava o leitor a produzir sensações e expectativas diante de uma realidade, que somente poucos poderiam vê-la, onde prevaleciam os valores da elite que eram tomados como os valores verdadeiros, e Lima Barreto não era a favor deste belezismo.

Da mesma forma que se opõe ao beletismo, impugnava a linguagem academicista, o parnasianismo que tinha como ideário à arte-pela-arte, com uma linguagem descritiva que sobressaía o rigor forma e o gosto por temas clássicos. Ao Simbolismo, cujo movimento preocupava-se não em descrever objetivamente, mas em sugerir. E com estes dois modelos de movimentos descartados, não havia uma nova proposta estética, que somente surge com o Modernismo em 1922. O que surge é o pré-modernismo, considerado um período de transição, que prevalece a preocupação em entender a realidade social brasileira. A denúncia da realidade brasileira, negando o Brasil literário herdado do Romantismo e do Parnasianismo; o Brasil não-oficial do sertão nordestino, dos caboclos interioranos, dos subúrbios, é o grande tema do Pré-Modernismo.

Lima Barreto retrata o subúrbio carioca, onde na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”, que é estudo de caso desta monografia, pode-se observar bem este estilo, quando o autor faz uma descrição do Rio de Janeiro, fazendo um auto-retrato da parte econômica, social e a folclórica: o sossego das ruas periféricas, as fofocas, a vigilância por parte dos vizinhos e os tipos populares. Na citação da obra estudo de caso deste trabalho, Lima Barreto descreve a vigilância da vizinha,

“E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do major convidou uma amiga, e ambas levaram um tempo perdido, de cá para lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça, quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.” (Lima Barreto, 1990:19)

A citação demonstra com clareza o quanto o escritor Lima Barreto conhecia o subúrbio e as pessoas que lá viviam, tendo uma descrição detalhada de quem não apenas viu, mas sentiu tudo que estava ao seu redor, bastando para o leitor visualizar o descrito.

“Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento, e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começaram largas como *boulevards* e acabaram estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado.” (Lima Barreto, 1990: 73)

A fase que antecede ao Modernismo é uma fase de transição e, por isto, registra um traço conservador e a permanência de características realistas/naturalistas, com um traço inovador, como se observa na citação acima. Esse inovador é visível no interesse com que os novos escritores analisaram a realidade brasileira da época, incorporando na literatura as tensões sociais do período. O regionalismo do Romantismo continua neste movimento, porém, com características diversas e diferenciadas das que existiam no Romantismo. Onde o escritor não desejava mais idealizar uma realidade, mas denunciar os desequilíbrios dessa realidade.

Tudo isto, regado a um tom de denúncia que é a inovação de tentar “pintar” um retrato do Brasil, levando os escritores a utilizarem uma linguagem mais simples que se aproximasse da linguagem coloquial. Como na maior parte das obras pré-modernista é imediata a relação entre o assunto e a realidade contemporânea do escritor, características no livro estudo de caso desta monografia, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, na qual o autor denuncia a burocracia no processo político brasileiro, o preconceito de cor e de classe e incorporou fatos ocorridos durante o governo de Marechal Floriano Peixoto.

Em um período eclético, onde varias correntes e estilos se chocavam e se confundiam, vários autores apresentaram um mescla de academicismo e inovação tornando quase impossível rotular e conceituar o período, como igualmente é impossível encaixar Lima Barreto somente dentro desta fase de transição, cheia de “neos”, uma vez que, seu estilo literário, será usado pelos modernistas que “promoveram” uma revolução estética baseada no

verso livre, na incorporação poética do cotidiano, na utilização de uma linguagem telegráfica, fragmentada com elementos extraídos da oralidade e do coloquialismo.

O Modernismo no Brasil tem como marco a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo no ano de 1922. Porém, Lima Barreto já tinha um estilo leve e fluente, com uma linguagem quase jornalística, recursos do Modernismo, utilizando bem antes da Semana de 22. Como estava fora de sintonia com os outros escritores seu estilo foi condenado e sua obra menosprezada, porque ele rompeu voluntariamente com os representantes do linguajar castiço e vernáculo, no qual este tipo de linguagem seria novamente criticado pelo movimento modernista, sendo que Lima Barreto já tinha feito esta crítica.

Com o período que vai de 1902 a 1922 é considerado atípico dentro da Literatura Brasileira, como uma fase cheia de “neos”: neo-realismo, neo-parnasianismo, neo-simbolista, todos sem maior expressão, sendo o triunfo desta época a sintaxe acadêmica lusitanizante que começou no Romantismo e continuou no Realismo, mas que Lima Barreto rompeu bem antes do surgimento do Modernismo. O crítico literário Alfredo Bosi considera Lima Barreto como divisor de águas entre a Belle Époque e o Modernismo.

“Caberia ao romance de Lima Barreto [...], e a vivência de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da 'Belle Epoque', revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional.” (Bosi, 1994: 306).

O crítico Alfredo Bosi apresenta uma das razões pela qual Lima Barreto não pode ser inserido dentro da fase de transição do pré-modernismo, já que sua estética apresenta “o novo” em sua literatura. Lima Barreto usou a literatura para fazer uma análise crítica da sociedade, onde conseguiu captar as necessidades e os problemas das classes menos privilegiadas, suas obras estão à frente dos acontecimentos vigentes.

Com referência as críticas recebidas por Lima Barreto, a estudiosa literária Zélia Nolasco apresenta que elas refletem de sua vida pessoal, porque o escritor Lima Barreto foi um alcoólatra, interno de hospício, faltava-lhe dinheiro, fatores que a elite literária dominante da época via com certas reservas. Deste de 1909, Lima Barreto por meio de reivindicações literárias, apresentava os fatos com originalidade, já que fez da Literatura sua arma a favor do país e dos menos privilegiados, sendo a forma que expôs que o diferencia dos demais escritores da época. Colocando-o como um propulsor das idéias modernistas, como também o eleva ao estilo além do pós-modernismo, o modo como abordou os conteúdos de suas obras, trazia para ficção elementos do dia-a-dia. Leitor dos grandes filósofos como Taine, Brunetière, Tolstoi e Guyau, optante do determinismo, embasado nas premissas de “meio, raça, momento”, tendo-se a partir daí a concepção que uma boa obra literária deve ser baseada nos elementos da realidade individual e social. Fator presente na maior parte das suas obras. Tinha a preocupação de “como fazer” e “o que fazer” e a concepção de uma literatura militante voltada para o homem e os problemas que o afligiam, tudo isto, por meio de uma escrita simples e direta, feita para o povo, e isto, não ocorreu por acaso, como também não foi por acaso que a sua vida tumultuada impediu de realizar uma grande obra, aos olhos dos críticos de sua época.

Em seu ensaio “Lima Barreto e o espaço romanesco”, Osman Lins, trata da questão pessoal entre escritor e obra, “Lima Barreto apesar de invadir com a própria presença muitas de suas páginas é um homem voltado para fora.” (Lins, 1976: 28). E será visão de dentro e de fora do texto que será discutida a loucura do personagem Policarpo Quaresma no capítulo 04.

CAPÍTULO IV

PARALELO ENTRE O COMPORTAMENTO OBSESSIVO E A LOUCURA NO PERSONAGEM MAJOR QUARESMA DO ROMANCE “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”

Popularmente há uma tendência em julgar a sanidade de uma pessoa de acordo com o seu comportamento, ou seja, pela sua não adequação as conveniências impostas pela sociedade.

E Lima Barreto, apresenta seu personagem principal o Major Policarpo Quaresma, logo nos primeiros parágrafos, por meio de uma descrição completa. A obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”, objeto de estudo desta monografia é dividida em três partes, que são muito mais que três atos da vida de Quaresma, mas sim três representações do quadro da vida brasileira.

A primeira parte retrata o burocrata exemplar, patriota e nacionalista extremado, interessado pelas coisas do Brasil: a música, o violão, o folclore, a terra. Apresenta nesta fase o predomínio da fantasia. Na segunda parte, Major Quaresma incompreendido e desiludido, após sair do hospício, retira-se para o campo, para empenha-se na reforma da agricultura brasileira e no combate as saúvas, tendo como predomínio nesta etapa o equilíbrio entre a realidade e fantasia.

Na terceira parte a realidade prevalece, vencendo a razão. É uma sátira política na qual o Major Quaresma apoia o Marechal Floriano Peixoto na Revolta da Armada e no decorrer da guerra, passa a perceber que as “coisas andam” de acordo com os interesses dos mais poderosos.

Como o juízo de valor é o principal “medidor” da normalidade, do comportamento humano e aquele que infringir as normas e as regras impostas pela sociedade, já é caracterizado como uma pessoa desequilibrada, doente mental, louca. É pelos hábitos e pelo seu comportamento que Lima Barreto apresenta o Major Policarpo Quaresma. “Como de habito, Policarpo Quaresma, mais conhecido como Major Quaresma bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia”. (Lima Barreto, 1990:19)

Pela passagem citada, percebe-se que o Major Quaresma tinha hábitos regulares e repetitivos, conhecidos por toda a vizinhança, servido para alguns como um relógio. “A vizinhança já lhe conhecia os hábitos [...], na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: ‘Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou’”. (Lima Barreto, 1990:19)

Porém, mais que por hábitos regulares, Major Quaresma era conhecido pela sua grande fixação pelo Brasil, sabia tudo, a sua flora, sua fauna, suas riquezas e tudo isto porque.

Durante os lazes burocráticos, estudou, [...] a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes...” (Lima Barreto, 1990:22)

A sua obsessão pelas coisas do Brasil, o seu patriotismo exagerado, onde seus ideais exaltam-se, Policarpo Quaresma começa a sentir a necessidade de pôr em prática sua idéia nacionalista. Como era um estudioso constante, que procurava nos livros a fonte das tradições autenticas do Brasil, percebeu que as tradições brasileiras precisavam ser divulgadas, e sendo um conhecedor dos costumes nacionais não poderia deixar de valorizar a modinha cantada com um violão. Sua intenção era aprender a expressão poético-musical da alma nacional e “Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha”. (Lima Barreto, 1990:25). Logo em uma época que este instrumento era considerado coisa de boêmio, de malandro, no entanto enfrentou a sociedade resolveu aprende a tocar violão.

Após os estudos da modinha e do violão, Major Quaresma, colocou em prática seus estudos sobre o folclore brasileiro, onde descobriu que quase todas as tradições do Brasil e suas canções eram estrangeiras, inclusive o próprio “Tangolomango”, o qual dançou na festa do general Albanex. Decepcionado com o folclore brasileiro, Policarpo Quaresma resolve estudar a língua dos tupinambás.

Os sinais de obsessão que o Major Policarpo Quaresma tinha pelo Brasil, estavam tornando-se mais que evidente, estava virando um delírio, assim, Quaresma apresentava os primeiros sinais de desequilíbrio. E de acordo como a pesquisa realizada pelo escritor João Frayze-Pereira, como estudantes do Estado de São Paulo, Major Quaresma apresentava os sinais do desequilíbrio emocional cuja origem é o desajustamento do indivíduo dentro de uma sociedade. No caso do Major Quaresma seu desequilíbrio foi constatado quando utilizou o cumprimento dos tupinambás.

Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho [...]. Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois explicou com a maior naturalidade: - Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das cousas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás.” (Lima Barreto, 1990:35)

Como prova que sabia tudo sobre o Brasil e que aprendera o Tupi, Policarpo Quaresma faz um pedido ao Congresso Nacional que a língua Tupi-guarani seja adotada como a língua oficial e nacional do povo brasileiro. O pedido serviu apenas que fosse colocado no rol dos incompreendidos e tema de zombarias nos jornais, nas ruas, nos meios burocráticos e na própria repartição que trabalhava. Eliminando assim qualquer dúvida que a família e os poucos amigos que tinha, que Policarpo Quaresma estava louco. Não demorando, para que fosse trancado em um hospício.

Nesta primeira parte, Lima Barreto faz uma crítica aos serviços burocráticos, um aspecto ligado à experiência pessoal do autor. A burocracia é impiedosamente satirizada no ambiente nivelador e anônimo, no vale tudo para se obter uma promoção e nas manobras de especialista, nesta obra, representado por Genelício. Além, da burocracia das repartições públicas. Já a loucura é abordada não somente nesta primeira parte, mas em todas. Onde o tema é descrito como uma forma de entender a experiência amarga do próprio autor.

Após sair do hospício, Major Quaresma sentia-se triste, porque antes era incompreendido, agora era considerado louco e mesmo agora no convívio familiar continuava com a forte impregnação do hospício. “Saiu o major mais triste ainda do que vivera toda a sua vida. De todas as cousas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente.” (Lima Barreto, 1990: 65). Policarpo tem as primeiras impressões sobre a doença.

E, posteriormente, por sugestão de sua afilhada Olga, Quaresma passou a interessar pela agricultura, ou melhor dizendo renovou as velhas manias extintas.

Então pensou que foram vãos aqueles desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher.”(Lima Barreto, 1990:67)

Com a retirada para o campo, Major Quaresma empenhou-se na reforma da agricultura brasileira, e no combate as inexpugnáveis saúvas. De uma forma cômica Lima Barreto, expõe as concepções e as execuções das estratégias agrárias, montadas por Policarpo Quaresma: os minuciosos cálculos baseados nos boletins da Associação da agricultura nacional; a parafernália de hidrômetros, pluviômetros, anemômetros, que logo são driblados pela realidade e pela tenacidade com que tenta dominar os altos segredos do emprego da enxada.

— Não é assim, “seu majó”. Não se mete a enxada pela terra adentro. É de leve, assim. E ensinava ao Cincinato inexperiente o jeito de servir-se do velho instrumento de trabalho. Quaresma agarrava-o, punha-se em posição e procurava como toda a boa vontade usa-lo da maneira ensinada. Era em vão.” (Lima Barreto, 1990: 69)

E por não ter muita prática com o manuseio da enxada, mais de uma vez “fê-lo perder o equilíbrio, cair e beijar a terra, mãe dos frutos e dos homens.” (Lima Barreto, 1990:69). Mas a aparente fortaleza invencível, de Policarpo Quaresma, não resiste a realidade e as decepções se sucedem e ele as acolhe com um sofrido espanto, as formigas, os atravessadores, as perseguições de coletores e políticos.

Alheio ao interesse que se tinha por política na região, Policarpo Quaresma se preocupava com a terra, com a obsessão que tinha em comprovar a verdade contida nos livros que ele lera, que poderia fazer do seu sítio “Sossego”, uma forte base agrícola. Nesta parte o autor Lima Barreto, critica o governo por não interessar nos pequenos agricultores, que quase não possuem meios para produzir, principalmente em um trecho que a afilhada do Major vai visita-lo no sítio e questiona ao Felizardo porque ele não planta para ele mesmo, e tendo a seguinte resposta: “Sá dona tá pensando uma cousa e a cousa é outra.[...] — Terra não é nossa... E frumiga?... Nós não ‘tem’ ferramenta... isso é bom para italiano ou alemão, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...” (Lima Barreto, 1990:91). Com esta citação Lima Barreto expõe com clareza a situação do trabalhador rural, demonstrando que o governo está do lado dos interesses da classe dominante, atos que se pode verificar desde o velho Império.

Mas o duro aprendizado agrícola de Policarpo Quaresma começava a mostrar o verdadeiro vulto dos problemas do Brasil: as pragas, as formigas, a miséria e a improdutividade das terras, as perseguições políticas do interior, como as multas que Policarpo recebera por vingança imposta por Dr. Campos e o Tenente. Lima Barreto utiliza a imagem de Quaresma, nesta segunda fase como forma de denunciar a situação de extrema penúria em que vive os peões e camponeses.

Na tentativa de inútil de redimir o campo, Major Quaresma põe novamente seu ideal em prática e alista-se no combate a Revolta da Armada, apoiando o Marechal Floriano Peixoto. Na terceira fase os defensores da pátria e os militares tornam-se os objetos de crítica de Lima Barreto. O humor cede espaço ao patético quando o autor descreve o modo como o Major Quaresma pretende comandar um destacamento.

“O seu estudo predileto é agora artilharia. Comprou compêndios; mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica; desde mais a escada essa cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor”. (Lima Barreto, 1990:123)

Nos primeiros contatos com a guerra, Major Quaresma ainda manter o ar de esperança de poder contribuir para um Brasil melhor, acredita que de fato estar do lado certo.

“... ele com muitos homens honestos e sinceros do tempo, forma tomados pelo entusiasmo contagioso que Floriano conseguira despertar. [...] na reforma radical que ele ia levar ao organismo aniquilado da pátria, que o major se habituara a crer a mais rica do mundo”. (Lima Barreto, 1990:115)

Major Quaresma acreditava esta fazendo a coisa certa, e ao lado da pessoa certa que é o Marechal Floriano, tanto acreditava que a na primeira oportunidade que lhe surgiu não deixou escapar, “Quaresma explicou-lhe a sua vida e aproveitou a ocasião para lhe falar em leis agrárias, medidas tendentes a desafogar e dar novas bases à nossa vida agrícola.” (Lima Barreto, 1990:116). Mas como quase sempre acontecia, Quaresma não foi levado a sério, sendo suas reclamações e argumentos ignorados pelo Marechal Floriano Peixoto.

Após, assumir o comando do Quartel Cruzeiro do Sul, começa a narração do comando patético do Major Policarpo Quaresma

“— O canhão! Já! Avante! Ordenou o comandante. E, em seguida, nervoso, recomendou: — Esperem um pouco. Correu a casa e foi consultar os seus compêndios e tabelas. Demorou-se [...], os soldados estavam tontos e um deles tomou a iniciativa: carregou a peça e disparou-a. Quaresma reapareceu correndo, assustado e disse, entrecortado pelo resfolegar: —Viram bem... a distância... a alça... o ângulo... É preciso ter sempre em vista a eficiência do fogo.” (Lima Barreto, 1990:125)

Mas apesar do papel patético desempenhado pelo Major Quaresma, fica presente uma de suas características, que é a sua pureza, sua inocência, e a perseguição de seus propósitos. Porque na primeira oportunidade que teve de conversar com o Marechal Floriano sobre o seu memorando, explicando como fazer e por que fazer, as reformas agrárias, mas o que obteve foi apenas a opinião do Marechal Floriano sobre sua pessoa, “Você, Quaresma, é um visionário”.(Lima Barreto, 1990:131). E enquanto Marechal Floriano via Quaresma como um visionário, Olga a afilhada de Quaresma tinha outra visão, “o vi apreensivo, deixando perceber numa frase e noutra desânimo e desesperança”. (Lima Barreto, 1990: 135). A opinião do Marechal Floriano, desapontou Major Quaresma por que a ele tinha muito respeito. “Na verdade o major tinha um espinho n’alma. [...] a recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperavam nem o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a idéia que fazia do ditador.” (Lima Barreto, 1990:135)

A opinião do presidente Floriano, Major Quaresma vai perdendo a inocência, e cômico do desengano de apoiar o governo, das mentiras lidas nos livros sobre o Brasil, começando então a ser atormentado por uma crise de consciência, “Era pois para sustentar tal homem que deixara o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria?” (Lima Barreto, 1990: 135)

A figura magistral do Marechal Floriano, decai na visão do velho Policarpo e possuído por mortal desespero ao perceber a repressão violenta e os crimes do governo e ter a certeza que o presidente jamais fará as reformas com que tanto sonhara. E ferido em combate, causando-lhe mais dor moral do que física, Policarpo Quaresma toma consciência de si e do mundo, que é uma das características apontadas pelos estudantes pesquisados por João Frayze-Pereira, em seu livro O que é loucura. Major Quaresma compreende que não pode

mais compactuar com o crime, com a opressão e com o absurdo, consciente de tudo isto, Major Quaresma confessa a sua irmã Adelaide os horrores da guerra.

“Que combate, minha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei como horror à guerra que ninguém pode avaliar... Uma confusão, um infernal zunir de balas, clarões sinistros, imprecações [...]. Houve momento que abandonaram as armas de fogo: batíamo-nos à baioneta, a coronhadas, a machado, facão. Filha: um combate de trogloditas, uma cousa pré-histórica...” (Lima Barreto, 1990:144)

Em uma atitude de herói, Major Quaresma se posiciona claramente contrário à situação florealista, e por seu posicionamento arriscado mas sincero, é conduzido ao pelotão de fuzilamento, sendo no cárcere que o compreende a serventia que os seus estudos sobre a pátria o tinha o levado. Não foi reconhecido como um filho fiel. É decepcionado com a realidade e com o desmoronamento de seus ideais, entende que os sonhos e a luta que tivera até aquele momento de nada valera, como também não teve valor nenhum seus estudos sobre o seu país, nem a sua lealdade, porque a quem se dedicou tanto, o manda para a ilha das Enxadas com a função de carcereiro. Uma decepção.

E na ilha das Enxadas, não podendo aceitar as atrocidades do governo novamente arrisca-se se posicionando contrário, mas desta vez, é conduzido a prisão por causa de sua sinceridade. Na prisão, faz uma análise de seus sonhos, concluindo

“Que o tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde esta a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a viu matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.” (Lima Barreto, 1990: 152)

E, quanto a sua pátria amada, que tanto se esforçou para ser a primeira do mundo, não passara de sonhos, de ilusões criadas em seu gabinete, entre tantos livros que não diziam a verdade. E por esta conscientização da sua loucura o do final que o patriotismo lhe dava.

“Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido, e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sobre toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer... Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade.”
(Lima Barreto, 1990: 145)

De acordo com a autora Luzia de Maria, que em seu livro *Sortilégios do avesso*, trata que, até o momento que Policarpo Quaresma esteve preso aos seus livros e seus ideais, ele não sofreu, mas no momento em que imergiu na dura realidade da vida, reconhece o próprio estado de alucinação que tem, é a progressão da doença e a conscientização do quanto foi louco em sonhar e lutar por este ideal, que ao final não lhe deu nada. Realmente Major Policarpo Quaresma é um visionário.

CONCLUSÃO

Desprezando uma retórica bacharelesca e parnasiana e com uma escrita simples que aproxima o leitor ao escritor, foi à forma escolhida por Lima Barreto para fazer de seu personagem principal Major Policarpo Quaresma, um referencial de críticas ao regime republicano de quem teve grandes mágoas.

Com ar cômico, patético e triste, descreve as aventuras de um nacionalista de corpo e alma, que depois de muito estudar sobre sua pátria, resolve pôr em ação seus ideais.

A princípio a sociedade vê Policarpo Quaresma como um homem de comportamento e atitudes extravagantes que aos poucos vai se transformando. Primeiro é a solicitação do tupi como língua oficial, depois um requerimento escrito em tupi, considerado depois disto, um louco. Lutou contra as saúvas, e depois foi lutar junto ao Marechal Floriano, como apoio ao “homem” e como uma tentativa de ver seu sonho de reforma agrícola realizado. Em suas lutas foi considerado um visionário, um louco e um traidor.

As fases da loucura que o Major Policarpo Quaresma atravessa, são praticamente as apontados na pesquisa do escritor João Frayze-Pereira, uma perda de consciência; um distúrbio emocional; um desvio de comportamento; uma fuga da realidade para se chegar à fase final que é a tomada de consciência, na qual Policarpo Quaresma compreender o quanto sua vida foi cheia de decepções.

Decepções no arsenal onde trabalhava; na língua Tupi; na agricultura e na guerra. Mas a loucura de Policarpo Quaresma, teve apenas um prejudicado, o único que sonhava, que idealizava e que fora lutar, com o intuito mudar, lutou por um ideal, por um sonho que começou quando era muito jovem. E, então percebeu o quanto foi inútil tudo que fez.

REFERÊNCIAS

- AIEX, Anoar. *As idéias sócio-literárias de Lima Barreto*. São Paulo: Vértice, 1990.
- ARTONI, Camila. *As faces da loucura*. Revista Galileu- Reportagens – Edição n.º 160 – Outubro/2004
- BARRETO, Afonso H. de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 7 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 41ª. São Paulo: Cultrix, 1994.
- COSTA, João Cruz Costa. *Pequena história da República*. 3 ed. Brasiliense, 1989
- COUTINHO, Carlos, O significado de Lima Barreto na literatura brasileira. In: COUTINHO, Carlos Nelson et al. *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Zélia Nolasco. *Lima Barreto imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2000.
- GERMANO, Idilva Pires. *Alegorias do Brasil. Imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e viva ao povo brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do estado do Ceará, 2000.
- LINS, Osmam. *Lima Barreto e o espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MARIA, Luzia de. *Sortilégios do avesso – Razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- MOÍSES, Masaud. *História da Literatura Brasileira. – Realismo e Simbolismo - Volume 2*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1984
- PEREIRA, João A. Frayze. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação da cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TRIGUEIRO, Oswaldo. *A política do meu tempo*. Forense: Rio de Janeiro, 1988.
- VECHI, Luis Gustavo. *Istrogenia e exclusão social: a loucura como objeto do discurso científico no Brasil – Estudos de Psicologia*, 2004. Artigo
- VILLA, Marco Antonio. *O nascimento da República no Brasil*. São Paulo: Ática, 1997.